

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

---

Nos 300 anos do Vocabulário de  
Bluteau

TELMO VERDELHO

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2021



# Nos 300 anos do *Vocabulário de Bluteau*

TELMO VERDELHO

Rafael Bluteau, figura cimeira entre os vultos mais ilustres da cultura portuguesa, foi um operoso cultivador e defensor da nossa língua, aqui evocamos um pouco da sua vida e sobretudo relembramos a sua obra maior, o *Vocabulário Português e Latino*, quando justamente celebramos o terceiro centenário da sua publicação.<sup>1</sup>

1. Nasceu de pais franceses, em 1638, em Londres, onde viveu até aos seis anos. Aprendeu em casa o francês e na rua o inglês. Fez depois em França a formação escolar, como aluno dos Padres da Companhia de Jesus, por quem manteve sempre uma grande admiração; a eles se refere como “incansáveis cultores das boas Artes, Oráculos das Universidades, plenipotenciários de toda a erudição, e perpetuos dispensadores de todo o saber, humano e Divino”.<sup>2</sup> Sugere mesmo que adotou o título de *Vocabulario*, por analogia com o subtítulo da *Prosodia* do P. jesuíta Bento Pereira.

Com 21 anos, Bluteau ingressou na ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência, mais geralmente conhecidos por Teatinos e também por Caetanos sobretudo em Portugal. Aqui, muitos dos seus membros adotaram o nome de um dos fundadores, S. Caetano de Thiene (1480-1547). Fez o noviciado em Florença e prosseguiu os estudos de filosofia e de teologia em Verona. Recebeu a ordenação de presbítero em Paris, em 1665.

---

<sup>1</sup> A figura e a obra de Bluteau foram objeto de uma investigação muito competente, apresentada como tese de doutoramento por João Paulo Silvestre, na Universidade de Aveiro e depois publicada na INCM, em 2008, com o título *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. É um estudo consciencioso, bem estruturado e com informação ampla e insubstituível para a história da lexicografia e da língua portuguesa. Participei muito ativamente nessa investigação como orientador e por isso retomo aqui, com grata satisfação, em síntese, alguns elementos elaborados e recolhidos nessa publicação, correspondentes a uma apresentação geral do *Vocabulário Português e Latino*. Irei acrescentando, como reflexão nova, pela minha parte, algumas observações sobre a importância da obra de Bluteau, no âmbito do pensamento linguístico do seu tempo, e da política de defesa, louvor e ilustração da língua portuguesa.

<sup>2</sup> “Apologia do Autor”, *Vocabulário Português e Latino, Suplemento II*, 1728, p. 583.

Com 29 anos foi enviado pelos superiores para Portugal, onde chegou a 26 Junho de 1668. Logo nesta data começou a preparação do *Vocabulario Portuguez e latino*.

O percurso de formação de Bluteau é extraordinário, merece particular referência a sua versatilidade linguística. Além de um sólido conhecimento das línguas clássicas, falava com proficiência todas as grandes línguas europeias. O português foi provavelmente a última que aprendeu. Andava pelos 30 anos, idade em que já não era costume ser estudante, mas Bluteau foi ainda a tempo de estudar a nossa língua e de nos deixar dela uma preciosa lição, o mais notável e proveitoso monumento da lexicografia portuguesa, um “thesouro inexausto”, na expressão lapidar de Fr. Lucas de Santa Catarina.

Bluteau foi uma divina dádiva para a língua e para a cultura portuguesas.

2. Em 1712 e 1713, há justamente 300 anos, na tipografia do Colégio das Artes, em Coimbra, concluiu-se a impressão do primeiro e segundo e do terceiro e quarto tomos desse faustoso conjunto bibliográfico que iria ter oito volumes e mais dois de Suplemento, com um título muito copioso, encimado pelo exergo *Vocabulário Português e Latino*, seguido de 57 epítetos eruditos, por ordem alfabética: *Vocabulario Portuguez e Latino; Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Ichtyologico, Indico, Isagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Meteorologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rethorico, Rustico, Romano, Symbolico, Synonimico, Syllabico, Theologico, Terapeutico, Technologico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico*.

*Autorizado Com Exemplos Dos Melhores Escriitores Portuguezes, E Latinos*

Este título, pelo número e pelos esdrúxulos, foi certamente objeto de enredo no colóquio urbano da Lisboa daquele início do século XVIII. Bluteau ouviu os remoques e respondeu-lhes no Prólogo do Suplemento, aduzindo, contra as “línguas” do “Leitor Pseudocrítico”, duas razões: primeira, pela necessidade de tornar o título mais explícito, como fizeram, ainda com mais copiosos e “enfáticos

atributos” o “Abade Furetiere no seu *Diccionario Francez*; Luís Moreri, no *Diccionario Historico* e João Jacobo Hofman no *Lexicon Universal*.” Segunda razão, pela oportunidade de exaltar a língua portuguesa, exibindo a sua ductilidade para formar adjetivos de relação:

“... he a lingua Portugueza taõ noble, que senão fora filha da lingua Latina, podera competir com ella; (...) No tocante pois ao grande numero de esdruxulos da primeira folha do Vocabulario, entendo, que se o Francez, e outros idiomas foraõ taõ capazes destas dactylicas dicçoens, como o Portuguez, não fariaõ escrupulo de usar delles...”<sup>3</sup>

Os quatro volumes seguintes foram impressos em Lisboa, numa sequência pouco regular: em 1716 o quinto; em 1720 o sexto e o sétimo, e em 1721 o oitavo, todos na oficina de Pascoal da Silva; os dois volumes do Suplemento foram impressos em 1727 o primeiro, na oficina de José António da Silva (filho de Pascoal da Silva, que entretanto terá falecido em 1725), e o segundo, na Patriarcal Oficina da Música em 1728.

A história tipográfica e editorial deste empreendimento, que passou por três tipografias, e teve pareceres condicionados para as licenças dos primeiros volumes, está ainda por fazer, mas será certamente objeto de pesquisa gratificante para um estudioso interessado na história da cultura, das ideologias e da vida social e económica, no início do século XVIII. Adivinha-se uma fascinante teia de compromissos e desencontros, no relacionamento das pessoas e das instituições daquele tempo.

3. O *Vocabulario* começou a ser publicado por iniciativa do autor, certamente com a cumplicidade da Companhia de Jesus, mas com o desagrado da Inquisição, e sem o sufrágio da Corte, que mantinha o afastamento de Bluteau.

Entretanto, a apresentação e qualidade dos primeiros volumes e, provavelmente alguma intercessão junto da benevolência real, venceram o preconceito político. A partir de 1713, os encargos tipográficos passaram a ser custeados pela Real Fazenda, e depois, por corroborado merecimento, a impressão das obras de

---

<sup>3</sup> *Vocabulário*, Supl., t.I, “Prologo segundo” páginas não numeradas (28).

Rafael Bluteau beneficiaram do mecenato régio. Assim, o *Vocabulario* pode, com justiça, integrar-se entre as grandes realizações que ainda hoje relembram e honram D. João V como protetor das artes e da ciência.

A publicação é contemporânea da construção do Convento de Mafra (iniciada em 1717), ambos os monumentos ornamentam a memória do Rei Magnânimo. Em todo o caso, quando hoje contemplamos um e outro, e comparamos os seus relativos méritos, podemos concluir pela superior utilidade do *Vocabulario* para o interesse do bem comum, pela sua herança no percurso da lexicografia portuguesa e pela sua repercussão na história da língua e da cultura. O monumento de pedra ficou em Mafra e, sem dúvida, enriquece, embeleza e nobilita a paisagem; mas, por seu lado, a grande edificação lexicográfica de Bluteau rebrilha e celebra a lusitana língua nas mais importantes bibliotecas do mundo culto e, mais ainda, ilustra e ilumina a memória filológica do português, em todo o mundo lusófono.

A novidade dos dois primeiros volumes do *Vocabulario*, o efeito vistoso da sua configuração gráfica, e sobretudo a insinuante afirmação da soberania da língua portuguesa contribuíram certamente para a mudança de atitude na Corte e suscitaram um auspicioso acolhimento real, secundado pela Academia de História, e repercutido entre os mais grados e conceituados estudiosos e leitores daquele tempo. Portugal passava a dispor de um dicionário que podia competir com o Grande Dicionário da Academia, de que os franceses tanto se vangloriavam, e superava-se uma ressentida humilhação do português, no conserto das línguas europeias, humilhação inevitavelmente murmurada, por quem quer que considerasse o nosso modesto pecúlio de dicionários.

4. Bluteau teve certamente muitas dificuldades para dar início à publicação da sua obra: era indesejado na Corte, por melindres políticos nas relações com a França, e confrontava-se com uma oposição malevolente por parte do Santo Ofício. Nos textos das Licenças e dos Prólogos transparecem muito claramente estas adversidades. Em todo o caso, os pareceres do Paço ou Real Mesa Censória, foram desde o princípio favoráveis, ao contrário da Inquisição que só a partir do IV tomo começou a mudar de opinião.

No Prólogo do Suplemento, “Ao leitor malevolo”, Bluteau enumera uma larga e gratulatória lista de beneméritos que colaboraram ou deram contributos para a composição do *Vocabulario* e que saudaram e louvaram a obra e o autor.

Cita mesmo um testemunho do Advogado Manoel Tinoco de Magalhães que, da Cidade de Braga lhe escreveu uma carta com data de 12 de Janeiro de 1727, a qual começa assim:

“Reverendissimo Senhor. Reconhecendo a grande obrigação em que a nação Portuguesa está a V. Reverendissima no excessivo desvelo, e louvavel trabalho, com que exhaurio, e acreditou a propriedade, e excellencia de sua lingua, com incançavel estudo, e revolução de tantos livros, se anima a minha confiança cá destas partes remotas, a dar-lhe em nome desta Cidade Primaz, o condigno agradecimento de taõ frutifero, e generoso beneficio, &c.”

Nessa lista tão justamente lisongeira se incluem naturalmente os censores que, contrariando a primeira posição do Santo Ofício, deram os seus pareceres hiperbolicamente favoráveis para o “imprimatur”. O sucesso da obra e o prestígio de Bluteau podem certamente aferir-se por estes textos, todos de muito encómio, que vão preenchendo as licenças dos volumes ao longo da sua publicação, escritos pelos mais eruditos e prestigiados qualificadores daquele tempo. Entre eles se destacam o dominicano Frei Lucas de Santa Catarina; o jesuíta padre mestre Pantaleão de Barros; os cistercienses Frei Bernardo Teles e Frei Bernardo de Castro; o Conde da Ericeira, que assina o texto da censura do Desembargo do Paço, com um magnânimo enaltecimento de admiração e certamente de amizade, relembrando que, diferentemente dos outros vocabulários, que “servem só para buscar”, este serve “também para ler, instruindo e deleitando”, e que nele “se acha a cada folha huma flor e hum fruto”.

Pormenor curioso, nesta história editorial, Bluteau nomeia, na lista dos que não são “leitores malevolos”, os censores que lhe foram favoráveis, e foram quase todos, mas silencia os outros e deixa-os implícitos no anonimato dos leitores malévolos. Entre os dois ou três indignos de nomeação, podemos citar o franciscano Frei Francisco da Natividade, que escreveu os seus pareceres justamente aqui, nesta casa da Academia, que então se chamava Convento de Nossa Senhora de Jesus, este frade menor foi de todos os “calificadores”, o menos enfático e mais avaro de louvores, salientou apenas as “muytas e singulares noticias, proveitosas para honestos divirtimentos”; deve-lhe ter parecido obra de profana vulgaridade, pouco devota e, caso raro nos textos das licenças, desceu à miudeza censórea de

notar (segundo as suas próprias palavras) “algumas faltas, que bem mostraõ foi descuido do Author, & remedeadas conduzem para mayor perfeição da obra...” e enumera com muito destaque sete entradas com observações irrelevantes, referentes, em geral a falhas puramente tipográficas. Frei Francisco da Natividade não chegou a compreender a grandeza e o alcance da obra e muito menos o superior talento do autor que ele julgava poder corrigir. Avia-lo-ia Bluteau com a recomendação de que era necessário saber distinguir entre os “erros” e as “erratas”, os “erros” da ignorância ou inadvertência do autor e as “erratas” por lapso ou incúria do impressor.

5. O *Vocabulario* publicou-se, finalmente e pode chegar até nós numa realização tipográfica feita com grandeza e sumpto, digna dos generosos proventos da majestade de D. João V, a quem a obra foi “offerecida”. “Pequeno tributo para taõ grande Monarcha” declara o autor, com modéstia retórica, numa dedicatória tensa entre a procura do acolhimento real, de que se encontrava excluído, e um jubiloso entusiasmo pelo valor e magnitude da obra oferecida.

A dedicatória, ou melhor as dedicatórias (porque o suplemento é também iniciado por uma desenrolada dedicatória “Ao muito Alto, muito Poderoso e Magnifico Rey D. João Quinto”) resumem o pensamento linguístico e sobretudo lexicográfico de Bluteau; esclarecem os fundamentos epistemológicos da obra, justificam o empreendimento, e dão notícia do método e das diligências da sua realização. É sobre este enquadramento de cariz científico que Bluteau baseia a captação da benevolência e do apoio real que seria imprescindível para a publicação do *Vocabulario*.

Começa justamente por anunciar a dimensão enciclopédica do *Vocabulario* “Nesta obra offereço a V. M. hum extracto de grandes livrarias, & hum trabalho de trinta annos”; (e podemos ainda somar-lhe mais quinze, contando com os vols. do Suplemento); exalta o nobilíssimo exercício do lexicógrafo e depois alarga-se na consideração da “fecundidade e elegância das lingoas” e na virtualidade das palavras para a opulência dos reinos, citando Quintiliano: “todo o Reyno, falto de palavras, he pobre... Sem abundacia de vozes para todas as materias do discurso, emmudecem as artes, & as sciencias, & fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & congressos dos sabios, querem expor os cabedaes do seu engenho.”

A língua é uma espécie de brasão ou emblema de um reino e, por isso, para a dignidade e grandeza de um rei português, a língua deveria ser defendida, ilustrada e louvada, de modo a competir com os outros reinos ou línguas da Europa. O *Vocabulario* surge assim como um instrumento oportuno para servir o reino engrandecendo a língua.

Entre as boas recomendações do português, salienta a excelência da sua originalidade. As palavras portuguesas têm “graças e galas” que não se encontram em nenhuma outra língua. Lembra então a singularidade da palavra “menino”, e da “preciosa, & dulcíssima palavra, Saudade”, ainda hoje citados como emblemas da nossa especiosa individualidade linguística.

Justifica eventuais estrangeirismos e o convívio com outras línguas, como via de alargamento da riqueza lexical, com especial relevo para os latinismos, que tão notoriamente foram marcando a história do português: “Em todas as lingoas são permttidas estas innocentes usurpaçoens, & discretos latrocínios de Palavras...” – e acrescenta: “Na grande afinidade do Portuguez com o Latim, se vê claramente, que o Lacio há de ser a fonte, & o thesouro mais propinquo, donde Portugal há de tirar as palavras, de que necessita.”

Não deixa de evocar o larguíssimo roteiro da memória textual da língua, essencial na elaboração do *Vocabulario*. Bluteau lembra os longos anos de pesquisa para recolha de atestações, alude às muitas “penalidades” que continuamente experimentou para “revolver Authores Portuguezes, & Latinos, para exemplificar as dicçoens mais proprias, & elegantes de hum, & outro idioma; em buscar ethymologias, & derivaçoens de palavras, que me pareceraõ estranhas, & remotas da nossa intelligencia; em correr officinas mechanicas, para colher os termos proprios das Artes, & finalmente em explicar, & definir todas as entidades corporeas, & espirituas, que me vieraõ à noticia”.<sup>4</sup>

Conclui protestando o desprendimento do autor. O *Vocabulario* é uma doação faustosa e de generosidade desinteressada: “todo o meu empenho, he a utilidade publica”, e fecha a Dedicatória com um louvor muito pomposo de artificiosa retórica para D.João V.

A publicação do *Vocabulario* não foi fácil nem simples. Bluteau receou não poder concluí-la. Correu o risco, avançando com a publicação dos quatro primeiros

---

<sup>4</sup> *Vocabulário*, t.I, (dedicatória) páginas não numeradas (8).

volumes em Coimbra, na tipografia do Colégio das Artes, provavelmente com a conivência dos Jesuítas. Finalmente a corte de D. João V percebeu a importância, a utilidade e o lisonjeiro favorecimento da magnificência real e assumiu o encargo da publicação. Podemos hoje, com bem provada distância, recordá-la como um acontecimento festivo e fecundo da nossa memória filológica e cultural. A composição lexicográfica foi feita com um esclarecido e confrontado conhecimento dos mais atualizados modelos dicionarísticos daquele tempo, foi uma elaboração operosa, frutífera, um melhoramento imenso para a língua portuguesa.

6. O *Vocabulario Portuguez e latino* é verdadeiramente o primeiro dicionário da língua portuguesa, com as exigências que determinam um dicionário monolíngue. O latim é apenas um complemento secundário mas adjuvante, no quadro da informação filológica procurada e estimada, naquele tempo. Efetivamente, não havia ainda então um dicionário da língua portuguesa que pudesse comparar-se à disponibilidade dicionarística de que beneficiavam já as grandes línguas europeias. Convém lembrar que as três alfabetações da língua portuguesa anteriormente publicadas (Jerónimo Cardoso 1562; Agostinho Barbosa 1611; Bento Pereira 1647) eram simples listas de entradas de dicionários de português-latim, sem nenhum entorno semântico ou gramatical, para além das equivalências latinas, com a desvantagem de acolherem um cópulo muito reduzido e geralmente pouco cuidado nas opções ortográficas.

O *Vocabulario* apresenta definições bastante cuidadas; discute e muitas vezes fundamenta as opções ortográficas; e alarga-se em cerca de 38.000 entradas, mais precisamente, cerca de 32.000 nos 8 volumes de base e aproximadamente 6.000 no Suplemento.

Poderá parecer um número de modestas proporções, sobretudo para um leitor a três séculos de distância, fora do contexto dicionarístico da época; mas, a história da língua e da lexicografia esclarecem-nos sobre a verdadeira valia e a generosa dimensão dessa nomenclatura.

Acompanhamos na recolha destes dados, a informação de João Paulo Silvestre que observa:

“Os números só adquirem sentido perante um elemento comparativo que deve ser procurado entre a lexicografia estrangeira contemporânea. Um bom

correspondente será a 2.<sup>a</sup> edição (1721) do dicionário de Trévoux, pois há semelhanças no que concerne à seleção da nomenclatura e à técnica lexicográfica. Segundo informação de B. Quemada, os cinco volumes contêm 47.871 entradas, o que é apenas um indicador da extensão da nomenclatura de um dicionário de tipo universal. A diferença não é surpreendente, pois os dicionários franceses eram já o resultado de sucessivos esforços de acumulação, desde finais do século XVII, enquanto o *Vocabulario* é um primeiro ensaio.”<sup>5</sup>

Podemos considerar que se trata de uma nomenclatura ou nominata amplíssima, tendo em conta as solicitações do discurso e as vivências linguísticas daquele tempo. Para uma ideia mais fundamentada será oportuno relançar um olhar sobre os três dicionários do corpus lexicográfico anterior:

Jerónimo Cardoso em 1562 /1570 (*Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, Lisboa, João de Barreira, e Coimbra, João de Barreira), colige, num primeiro granjeio da língua portuguesa, cerca de 12.000 palavras; Agostinho Basbosa, em 1611 (*Dictionarium Lusitanicolatinum*, Braga, Frutuoso Lourenço de Basto) acumula cerca de 17.000 entradas, com muitas expressões e repetições, não terá muito mais de 12.000 palavras diferentes; Bento Pereira, em 1647 (*Thesouro da Lingoa Portuguesa* Lx. Paulo Craesbeeck) arrecada cerca de 24.500 entradas, vangloriando-se, com euforia, da quantidade de palavras novas que acrescentou aos anteriores.

Convirá ainda lembrar que a maior parte dos dicionários práticos portugueses até à primeira metade do século passado, tinham um corpus que raramente ultrapassava as 40.000 entradas, e o Vocabulário Resumido da Academia das Ciências, com data última de 1970, não chegava às quarenta mil entradas.

É bem sabido que a quantidade, hoje em lexicografia, é um fator geralmente perverso. Os caudais de inovação lexical confrontam as línguas com riscos de ruptura comunicacional e com graves prejuízos para a cidadania linguística. As línguas têm que poder funcionar com poucas palavras. Mas, a quantidade de palavras era ainda uma necessidade no tempo de Bluteau. Quem observou aspectos da estatística linguística de autores e recolhas glossarísticas dos séculos passados, pode aperceber-se do processo de adequação dos vernáculos à escrita e da

---

<sup>5</sup> Bluteau e as origens da lexicografia moderna, p.?

funcionalização das línguas como instrumentos de indexação do mundo, e particularmente do grande empreendimento da ciência e da produção tecnológica.

Na história da língua portuguesa, Bluteau é um marco privilegiado deste percurso, porque assiste à língua num momento decisivo da história da Europa, na véspera dos grandes empreendimentos Enciclopédicos e de uma perceptível aceleração civilizacional que é geralmente entendida como a origem da ideia de progresso.

7. As cerca de 40.000 entradas do *Vocabulario* correspondem a um lastradíssimo levantamento do corpus lexical disponível para os falantes de português no princípio do século XVIII. Além do copioso acrescentamento, em relação ao quantitativo das nomenclaturas já citadas, de Cardoso, Barbosa e Bento Pereira, que eram as únicas conhecidas, o *Vocabulario* abre caminho para as vias de inovação lexical que vão hipertrofiar o português moderno e contemporâneo. Noto sobretudo o desenvolvimento e a exploração dos novos paradigmas derivacionais que podem duplicar ou triplicar o número de palavras que enchem um dicionário. Não vale a pena lembrar a produtividade do sufixo *-mente* que é uma espécie de flexão adverbial do adjetivo e que, desde muito cedo teve um uso fácil e abundante. Bluteau regista 1761 palavras com essa terminação, mas Bento Pereira já tinha usado 1588.

O *Vocabulário Ortográfico Atualizado* da Academia das Ciências (2012) recolhe pouco mais de uma centena, porque se optou por incluir apenas os mais frequentes e mais desprendidos da sua raiz adjetival. Os advérbios em *-mente* constituem uma classe aberta, homóloga da variação dos adjetivos e por isso pode atribuir-se-lhe o estatuto lexicográfico de sub-entrada flexional e, deste modo, aliviar o peso das entradas do dicionário.

Mais inovadores são outros sufixos latinizantes ou grecizantes, que são solicitados no progrediente apetrechamento para os tecnoletos do português atual, e que dão origem a uma imparável produção de palavras novas. Esta expansão derivacional amplia os recursos lexicais e renumera o vocabulário culto, disponível para a mobilização na plástica lírica e narrativa dos séculos XVIII e XIX. Relembro o surpreendente sufixo *-ismo* que se encontra aos milhares nos dicionários atualmente em uso. A exercitação dessa disponibilidade criativa incrementou-se em progressão geométrica. No conjunto dicionarístico de

Jerónimo Cardoso (1569/1570), contamos 6 palavras com essa partícula morfológica (*barbarismo, batismo/bautismo, judaísmo, paganismo, solecismo, silogismo*); na *Prosodia* e no *Thesouro* de Bento Pereira (edição de 1697) encontram-se 11 (*batismo/bautismo, calabrismo* (“dança desonesta”), *catecismo, exorcismo, judaísmo, paganismo, paroxismo, priapismo, silogismo, solecismo*); Bluteau, no *Vocabulario*, dá entrada a cerca de meia centena (*aforismo, anacronismo, analogismo, apoflematismo / apoflegmatismo, apostematismo, arcaísmo, arrianismo [arianismo], asterismo, ateísmo, barbarismo, baptismo/bautismo, cataclismo, catecismo, cristianismo, coribantismo, dialogismo, embolismo, estrabismo, exorcismo, galicismo, gargarismos, gentilismo, grecismo, hebraísmo, idiotismo, italianismo, jotacismo/iotacismo, judaísmo, laconismo, lamdacismo, luteranismo, maometismo, monaquismo, nepotismo, nestorianismo, ostracismo, paganismo, paralogismo, parocismo/paroxismo, pedantismo, priapismo, prosilogismo, ptialismo reumatismo, seísmo, silogismo, solecismo*). Parece pouco, mas a progressão é elucidativa. O *Vocabulário* já citado da Academia das Ciências (2012) selecionou 1243 ocorrências; e o *Dicionário Houaiss* (2001) regista 2341.

Podemos também lembrar o sufixo *-ico* que se atualiza nos adjetivos de relação dos famosos esdrúxulos do título (*crítico, químico, dogmático, dendrológico, econômico*, etc.) que Bluteau explora como uma versatilidade que distingue a língua portuguesa, registando 1322 formas com essa terminação, enquanto Bento Pereira anotava apenas 239 e Jerónimo Cardoso 76 (*apostólico, arismético, asmático*, etc).

Mais significativo, em todo o caso, me parece, o sufixo *-idade* que retoma a terminação latina do acusativo *-ITATEM* do sufixo *-I/TAS*. É um sufixo com grande recursividade no latim medieval e muito característico do processo de latinização da língua portuguesa, com espiciosa utilidade para recobrir os domínios semânticos da intelectualidade da moralidade e, na generalidade, da formulação abstrata e categorial. Jerónimo Cardoso regista apenas 146 palavras terminadas em *-idade* (correspondendo a um *cópus* latino que dava já entrada a cerca de 420 formas com o sufixo *-ITAS*), Bento Pereira regista 339 e Bluteau, com muita novidade anota 706 formas com esse paradigma morfológico. Terminam em *-idade* 1114 palavras no *Vocabulário* da Academia e 2456 no *Dicionário Houaiss*.

Além desta sensibilidade para a plástica criativa da língua, o *Vocabulario* de Bluteau é suficientemente amplo para documentar e municiar, com abundância, uma língua disponível para nomear novos mundos, como se pode verificar pelo

registo de muitas centenas de brasileirismos. Com a mesma abrangência, assiste ao desenvolvimento da ciência e da técnica do mundo moderno, agenciando o mais abundante vocabulário tecnoletal até então explicitado em português. Finalmente, prolongando a tradição da lexicografia humanista, oferece o mais copioso socorro de vocabulário poético e de palavras escolhidas para a exercitação literária, acrescentando ainda no *Suplemento um Vocabulario de sinonimos, e phrases portuguezas*, (II, Lisboa, Patriarcal Officina de Musica, 1728, 57-424.).

8. Um dos aspectos mais fecundos do *Vocabulario*, e com rara valia filológica, mais do que a abundância ou cópia de palavras, é a valorização do património textual e a recuperação da memória literária. O procedimento lexicográfico retoma o modelo ensaiado nos dicionários humanistas, que procuraram agenciar o léxico latino, pesquisando e contextualizando a sua recolha nos autores clássicos. Bluteau procurou referenciar e fundamentar também o léxico português na memória escrita, e soube efetivamente encontrar, no património literário, o melhor “catedral” da língua e reativá-lo para a memória viva, para o discurso quotidiano, para o convívio culto e para a exercitação dos “amadores das boas letras”. Devemos-lhe o reconhecimento, quase o descobrimento do legado já vultoso da escrita em português, no final do século XVII:

“...a Lingoa Portugueza, como lingoa viva, sempre se vai enriquecendo, e já he tão abundante, e opulenta, que em todas as materias tem ricos termos; [...] com as obras de muitos Autores teve successivamente tão preciosos ornatos, que não tem que envejar às mais elegantes Lingoas da Europa o seu luzimento.” (*Vocabulario*, t.I, *Catalogo alphabetico*)

As citações bibliográficas não consagram um cânone literário hierarquizado (“Não pretendo que os ditos Autores sejam todos igualmente de boa nota” – lê-se no Prólogo), mas validam a memória linguística da tradição autoral e equacionam a sua valorização distintiva. Bluteau não antecipa mas incentiva a denominação de uma galeria de “autores clássicos” portugueses, que será esboçada no discurso metaliterário da segunda metade do séc. XVIII, nas obras de Cândido Lusitano (Francisco José Freire 1719-1773), nos ensaios filológicos publicados nas *Memórias de Literatura Portuguesa* da Academia Real das Ciências (1792-1818),

nomeadamente de António Pereira de Figueiredo (1725-1797), António das Neves Pereira (?-1818), Francisco Dias Gomes e, de um modo geral, nas justificações dos poetas da Arcádia.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> A expressão “autor clássico” encontra-se em cerca de trinta ocorrências, no *Vocabulário Português e latino*, mas é sempre referida à literatura latina. Um cânone de autores clássicos do vernáculo português foi explicitamente ensaiado pelos dois eruditos filólogos, ambos oratorianos, Francisco José Freire e António Pereira de Figueiredo. O primeiro inicia as *Reflexões sobre a língua portuguesa*, (Lisboa, ed. póstuma, 1842), com um texto “Sobre a auctoridade dos Auctores Clássicos da Língua Portuguesa”, antecipando as fontes da sua doutrina – “Mostremos pois ao Escripitor principiante, quaes sejam estes *Classicos* pelo commum consenso dos que mais cultivam a pura Linguagem Portuguesa. ...” Ao longo de toda a *Reflexão 1.<sup>a</sup>*, desdobra um justificado elenco de prosadores e também de poetas exemplares. Nomeia, ao todo, cerca de sessenta autores, distinguindo entre eles:

– o “insigne” João de Barros – “Empenhou-se este illustre homem em dar regras seguras á Língua, e em pratica-las nas suas obras, escrevendo-as com termos tão proprios, e puros, que mereceu ser chamado o *fundador* da pureza, e elegancia da sua Língua”;

– Frei Luís de Sousa – “a nenhum outro *Classico* cede em pontos de pureza de linguagem, e energia d’expressões”;

– e, sobre todos, o Padre António Vieira – “o classico mais auctorisado da lingua portugueza... nem antes, nem depois deste singular orador tivemos penna do mesmo aparato. Possui elle em gráu sublime todas as delicadezas, propriedades, e energia da sua lingua... Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilizas do idioma portuguez”.

Cândido Lusitano aceita entre os clássicos os poetas (treze mereceram citação) que escreveram com “escrupulosa propriedade e pureza”, com natural primazia para Luís de Camões – “honra immortal, não só da Poesia, mas da Linguagem Portuguesa, porque assim na sua Epopea, como em todas as demais obras poeticas praticou uma admiravel clareza, propriedade, elegancia, e energia de Língua”. Alarga finalmente o rol dos clássicos a um conjunto de estudiosos de domínios de especialidade que trataram “com linguagem correcta de diversas sciencias e artes”.

O Pe. António Pereira de Figueiredo, de modo não totalmente coincidente com o anterior, procurou também inventariar um roteiro de autores clássicos numa *Dissertação Academica* sob o exergo “João De Barros, exemplar da mais sólida Eloquência Portuguesa. Escrita, e recitada no ano de 1781”: “... Os Authores *Classicos* da Língua Portgueza considerados assim em grosso são os seguintes: *João de Barros, Damião de Goes, Francisco de Andrade, Diogo de Couto, Affonso de Albuquerque, Francisco de Sá de Miranda, Luis de Camões, Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, Francisco Rodrigues Lobo, Duarte Nunes de Leão, D. Fr. Amador Arraiz, D. Fr. Marcos de Lisboa, Jorge de Montemór, Gaspar Barreiros, Fernão Mendes Pinto, Fernão Alvares do Oriente, Fr. Heitor Pinto, Fr. Bernardo de Britto, Fr. Luiz de Sousa, o Padre João de Lucena, D. Francisco Manoel, os dous Brandões Chronistas Mores, Fr. Manoel da Esperança, D. Rodrigo da Cunha, Jacintho Freire de Andrade, Duarte Ribeiro de Macedo, o Padre Antonio Vieira, o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, o Padre Manoel Rodrigues Leitão, o Padre Manoel Bernardes. E depois destes, os que até á nossa idade se esforçarão por imitar os melhores: entre os quaes metêta eu ao Padre Francisco de Santa Maria, Conego Secular de S. João Evangelista; ao Padre Francisco de Sousa Author do Oriente Conquistado; ao Padre Diogo Curado da Congregação do Oratorio; ao Padre D. José Barbosa Clerigo Regular da Divina Providencia. Logo estes são os Authores, por onde os eruditos da Língua devem julgar e decidir, o que he fallar bem, ou fallar mal Portuguez. Estes os que devem ser imitados, pelos que o quizerem fallar sempre bem, debaixo das precauções que deixo apontadas”. (*Memórias de Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1793, t. IV, p. 25).*

Bluteau compendiou cerca de trezentos autores e mais de quatro centenas de títulos, elencados no *Catalogo alphabetico, topographico, & chronologico dos autores portuguezes, citados pella mayor parte nesta obra*. O *Catalogo* foi publicado entre os paratextos introdutórios do primeiro tomo (1712); são 32 páginas em que se oferece, pela primeira vez, um roteiro impresso da bibliografia portuguesa. O âmbito de rastreo deste universo textual foi certamente condicionado pelo espaço de leitura do autor, mas ele teve acesso privilegiado às melhores bibliotecas e arquivos conventuais e senhoriais daquele tempo. O que mais nos surpreende, neste granjeio de fontes, para além da sua abrangência, muito ampla e bem preenchida, é o seu minucioso escrutínio, operosamente efetuado, e a sequente inventariação e contextualização da massa lexical.<sup>7</sup>

9. A memória da língua escrita, agenciada como fonte lexicográfica, ainda que de modo incipiente, foi procurada ainda na primeira metade do século XVII; encontra-se entre os textos introdutórios do *Tesouro da língua portuguesa* (1647 mas efetivamente 1638 – ano da licença de impressão). Bento Pereira propõe uma referência textual para a coleta do léxico geral e enumera uma rudimentar listagem dos “Autores Portugueses os quaes todos se leram pera fazer este Vocabulario”.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> O levantamento bibliográfico da escrita portuguesa tinha já sido ensaiado por vários eruditos, ao longo do século XVII. António Anselmo dá notícia dessas compilações que não acederam ao prelo, (*Bibliografia das bibliografias portuguesas*, Lisboa, 1923, p. 18) e conservam-se ainda hoje, em reprodução manuscrita, entre outras, a *Bibliotheca Lusitana* de João Franco Barreto e, de João Soares de Brito, o *Theatrum Lusitaniae Litteratum siue Bibliotheca Scriptorum Omnium Lusitanorum*.

<sup>8</sup> Não obstante a brevidade, e a aglomeração um tanto espontânea e pouco sistemática deste pequeno catálogo, com ele inaugura Bento Pereira a diagnose lexicográfica do português. O horizonte linguístico pesquisado parece-nos bastante abrangente e criteriosamente qualificado, inclui os dicionários conhecidos, e o testemunho dos bons autores do século XVI. Merece lembrança:

“Flos Sanctorum de Frey Diogo do Rosario.

Martyrologio em Portugues por algüs da Companhia de JESVS.

Catechismo em Portugues, pelo Padre D. Christovão de Mattos.

Catechismo do Archebispo Dom Bertholameu dos Martyres.

Constituições do Arcebispado de Goa.

M. Marullo em Portugues, por Frey Marcos.

Tratado da payxão, por Frey Nicolao Dias.

Itinerario de Frey Pantalião de Aveiro.

Vida de Sam Francisco Xavier, pelo Padre João de Lucena.

Dialogos de Frey Eitor Pinto.

A dicionarização da língua, tomando como referência a memória escrita e particularmente a memória literária, foi depois assumida no programa lexicográfico da Academia Real das Ciências e deu lugar à elaboração do *Catalogo dos Autores e obras que se lérão e de que se tomárão as autoridades para a composição do Diccionario da Lingoa Portugueza*, publicado como paratexto inicial do *Diccionario* da Academia de 1793 (p. LIII, atribuído a Pedro José da Fonseca por Inocêncio Silva, *Dic. Bibliographico*, t.II. p. 137).

O *Catalogo* é precedido de um *Aviso ao Leitor* em que se explicitam os critérios de autoridade de vernaculidade e de ilustração (“pureza e elegância”) que motivam e fundamentam a lexicografia acadêmica:

“O seguinte Catalogo he huma necessaria e prévia noticia dos Autores e Obras, que entrão na composição do Diccionario da Lingoa Portugueza. Nem a todos, que delle usarem, ficaria sem a dita noticia, facil e pronto hum tal conhecimento, sendo este importantissimo para se perceber e differençar o valor de cada huma das vozes e seus usos, segundo a qualificação, que recebem dos escritos, com que se autorizão. [...] Nelle se procurou tratar com maior curiosidade e diligencia das letras e sciencia dos Autores, [...] e mais ainda do valor individual de cada hum de seus escritos, [...] com especialidade pelo tocante á pureza e elegancia da lingoa Portugueza.”(LII)

---

Asia de João de Barros.

Ordenações de Portugal.

Primeira Parte da Monarchia Lusitana, por Frey Bernardo de Brito.

Laguna sobre Dioscorides.

O Vacabulario de Jeronymo Cardoso.

O Vacabulario de Agostinho Barbosa.

O Vacabulario Japonico lusitano, feyto pelos Padres do Japão.

Os contos de Trancoso.

Primeira parte das Chronicas, por Duarte Nunes de Lião.

As obras todas de Luis de Camões.

As obras de Diogo Bernardes.

Cerco de Dio, por Francisco de Andrade.

As grandes diligencias de mão, que nesta materia fez o Padre Manuel Barreto da nossa Companhia.

Tambem se aproveitou muito o author da industria, estudo, e erudiçam do senhor Manoel Severim de Faria Chantre da Sancta Sè de Evora, pessoa bem conhecida nestes Reynos em todo genero de letras, assi divinas como humanas”.

Em 1799 publicou-se um segundo catálogo, coligido por Agostinho José da Costa de Macedo. *Catalogo dos livros, que se haõ de ler para a continuação do Diccionario da Lingua Portugueza*, mandado publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. (Lisboa: Na typographia da mesma Academia, 1799)<sup>9</sup>

Entretanto, em 1789 e depois em 1813, na primeira e na segunda edição do *Dicionário da Língua Portuguesa* António de Moraes Silva retomou e ampliou o *córpus* autoral de Bluteau e deu sequência à sua integração na memória lexicográfica moderna.

Deve advertir-se que Bluteau não limitou as suas fontes à tradição documental escrita, deu também acolhimento à informação de testemunhos orais por ele próprio procurados, ou fornecidos por vários contemporâneos que lhe prestaram colaboração. Nesta criteriosa abrangência do *córpus* lexical se integra também o registo sistemático dos enunciados proverbiais, retomando os adagiários de António Delicado e de Bento Pereira.

O património literário foi justificadamente privilegiado, constituía, no final do século XVII, o repositório mais abundante de palavras e o mais cultivado pela erudição humanista e pelo talento artístico. Por outro lado, Bluteau soube corresponder ao discurso linguístico do seu tempo que prolongava os ideais de defesa, louvor e ilustração. Hierarquizavam-se o texto literário e o “falar da corte” como indicadores de civilização e de aristocracia. A língua era uma referência simbólica principal, do prestígio do Reino, no concerto das nações e na competência dos impérios.

10. No universo do convívio interlinguístico e da política da língua, ganha especial relevo o contributo da obra de Bluteau para o reconhecimento e acreditação do português como grande língua europeia, dotada de um importante património de escrita acumulada, de uma preciosa memória literária e, finalmente de um monumento lexicográfico conveniente e de imprescindível utilidade.

Bluteau lembrou aos portugueses essa dimensão aristocrática do português, cultivando e recuperando o espólio impresso ou manuscrito, como um tesouro

---

<sup>9</sup> O autor do *Dicionário Bibliográfico* censurou este *catálogo* com uma severa e fundamentada recensão crítica, notando que “eram nele triviais os erros, lacunas e confusões de toda a espécie” e observando ainda que o autor ou autores “se haviam limitado a extrair servilmente da *Bibliotheca* de Barbosa os nomes dos escritores e indicações das obras que incluíram, não só reproduzindo a maior parte das vezes, sem reparo ou emenda, os erros e faltas que na *Bibliotheca* existiam, mas, o que pior é, cometendo ainda novos descuidos na transcrição que fizeram.” (I. Silva, *Dic. Bibliográfico*, t.II, p. 54-62).

que enriquece e distingue as poucas línguas que se podem louvar de serem proprietárias da grande herança do melhor do espírito humano.

A memória literária portuguesa retomou a sua identidade na segunda metade do século XVII, quando se despreendeu do complexo ibérico, porque a literatura espanhola tinha entre os intelectuais portugueses uma soberania simbólica que menorizava o estatuto da sua língua materna.

O *Vocabulário* veio coroar um período excecional de florescimento da produção literária, exornada com a escrita metódica e erudita de Rodrigues Lobo (1580-1622); com o verbo fascinante desse «imperador da língua» que foi o P. António Vieira (1608-1697); com a arte dútil e erudita de D. Francisco Manuel (1608-1666); com a frase simples e suave, mas cintilante do P. Manuel Bernardes (1644-1710). Estes escritores, entre outros, resistiram à sedução centrípeta do castelhano e afirmaram, com talento e laboriosa dedicação, a autonomia da língua portuguesa, nesse momento crucial; salvaguardaram a memória dos séculos anteriores e reconfiguraram o espaço linguístico, abrindo horizontes para a comunidade transnacional e transcontinental da lusofonia.

Com a obra de Bluteau, a língua recebeu uma espécie de consagração internacional, desafiou a parceria com o latim e prestigiou-se perante os outros vernáculos europeus. Alguns portugueses achavam que a sua língua era imperfeita, que era um dialeto corrompido do castelhano e que, além disso sofria dessa enfermidade malsonante das terminações em -ão: *Disposição, Elocução Pronunciação* e em especial dos “latrativos” monossílabos *pão, mão, são, cão, vão, não*, etc.

Houve mesmo alguns espíritos militantes que levaram muito a sério as dores desta inferioridade material da língua portuguesa. Bluteau repercutiu e impugnou esse fantasma metalinguístico que ele considerava malicioso. Retirou fundamento à pretextada disfunção fonética, explicando que uma articulação normal, em que se juntassem brandamente o *A* e *O*, sem abrir muito a boca, não ofendia os ouvidos.

Este transe jocoso da filologia portuguesa, que deu origem a um livro espesso de pesada erudição (publicado na Flandres, à roda de 1710, releve-se-lhe alguma erudição, e uma aplicada releitura da obra de Camões)<sup>10</sup>, é um interessante

---

<sup>10</sup> *Antídoto da lingua portugueza. Offerecido ao muito Alto, e muito Poderoso Rey, Dom João o Quinto nosso Senhor / por Antonio de Mello da Fonseca* [José de Macedo] Amsterdam, Miguel Dias, [1710].

indicador do instável convívio e da insegura auto-estima pela língua materna, por parte dos homens de letras, durante o domínio filipino e depois na sequência da Restauração.

Ambientados pela administração centralista e castelhanizante, os portugueses ressentiam um melancólico desamparo na cidadania linguística, em contraste com a euforia de outros vernáculos europeus. O próprio Bluteau dá notícia dessa avaliação negativa, mas, contrastando o lugar-comum, acrescenta o testemunho da surpreendente reversão de tal preconceito, quando se apercebeu do copioso património da língua, comprovado pelo empreendimento lexicográfico:

“A vista destes volumes, (aos quaes com o tempo se poderâm acrescentar outros,) que dirâm certos Estrangeiros, os quaes publicavão pella Europa, que a lingua Portugueza he hum idioma pobre, inculto, barbaro, & casualmente formado de varios Fragmentos da Lingoa Mourisca, & Castelhana? Confesso, que depois de ajuntar os materiaes para esta obra, eu mesmo fiquei admirado, & juntamente opprimido da multidam dos vocabulos, que achei nos Autores antigos, & modernos.”

11. Bluteau ofereceu à língua portuguesa o mais eficaz contributo para a superação da “apagada e vil tristeza” a que parecia estar condenada, no seu convívio desfavorável com a língua do império espanhol.

O *Vocabulario* redimensionou a consciência linguística do português. Recusou e contestou a menorização acatada e a subsidiariedade em relação ao castelhano. Nos prólogos do primeiro vol. e do Suplemento “Ao Leitor estrangeiro”, desenvolveu uma argumentação sincera e convincente em defesa da língua portuguesa e além disso acrescentou no tomo VIII um dicionário de espanhol-português, para que também os espanhóis pudessem ler o *Vocabulario Portuguez e Latino*. Sem forçar a hipótese, podemos pensar que ele quis confrontar os espanhóis com a relutância em quererem entender o português, retirando-lhes a desculpa da falta de um dicionário. Parece ser esta a ideia subjacente a um discurso introdutório do *Diccionario Castellano y Portuguez*, que tem o título: “Prosopopeia del idioma portuguez a su hermana la lengua castellana”.

Entretanto, no início do século XVIII, o castelhano já não era uma ameaça para a língua portuguesa. Tinham-se mudado todos os paradigmas de referência.

A escrita abundante do século XVII, de soberana qualidade artística, dotou a língua e aumentou a sua referência patrimonial de modo estável, categórico e prestigiante. Por outro lado, o francês era agora a língua de todos os ideais de contacto cultural e transnacional, e até as rainhas de língua espanhola foram substituídas, em renovada estratégia, pelas rainhas francófonas, mas o *Vocabulário* de Bluteau foi o grande baluarte de defesa e ilustração, nesse percurso novo de modernização interna da língua e de expansão fora da Europa, num processo de transumância que a enriqueceu e a naturalizou no atual espaço da lusofonia.

Igualmente importante foi o apetrechamento lexicográfico e a implantação duma genealogia fundacional de toda a subsequente dicionarística portuguesa.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 24 DE JANEIRO DE 2013)